

AS TEORIAS DISPOSICIONALISTAS E O ESTUDO DA PLURALIDADE DO REPÓRTER-AMADOR¹²

Sheila Borges de Oliveira³

Resumo

A sociedade está interligada em rede, fenômeno que ocorreu por conta da popularização do acesso à internet. Com isso, as relações sociais dos indivíduos que integram o processo de produção da notícia foram alteradas. Todos podem ser consumidores e produtores da informação. A sociologia contemporânea é desafiada a aprofundar os seus estudos para identificar as disposições que o cidadão deflagra quando é impulsionado a agir como produtor. Este artigo pretende contribuir para essas pesquisas, tomando como base a teoria disposicionalista e mais especificamente a sociologia à escala do indivíduo de Bernard Lahire. A partir dela, buscamos entender como o ator, em meio ao emaranhado das variações inter e intraindividuais, sente-se estimulado a ser repórter-amador.

Palavras-chave: Sociologia. Disposições sociais. Jornalismo. Repórter-amador.

Dispositional theories and the research about the plurality of amateur reporter

Abstract

The society is linked in a network, due to the popularization of the internet access. Because of this the social relations among those who integrates the process of news production have changed. Everyone can be an information consumer and producer. The contemporary sociology has been challenged to deepen its studies in order to identify the citizen disposition when led to act as a producer. This article proposes a contribution for these researches, based on the traditional dispositional theory and more specifically on the sociological study program based on Bernard Lahire. From there, we seek for answers on how the actor, among all the inter and intra individual variations, feels stimulated to be an amateur reporter.

Keywords: Sociology. Social dispositions. Journalism. Amateur reporter.

¹ Este artigo revela parte do resultado de uma pesquisa apresentada na tese: O repórter-amador: uma análise das disposições sociais motivadoras das práticas jornalísticas do cidadão comum, defendida, em 2013, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE.

² Para citar este artigo: OLIVEIRA, Sheila Borges de. As Teorias Disposicionalistas e o Estudo da Pluralidade do Repórter Amador. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, v.28, n. 2, p. 88-113, jul/dez, 2013. Disponível em: < <http://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/CAD>>. Acesso em: dia mês, ano. [v. em edição].

³ Jornalista, publicitária e professora de jornalismo. Especialista em História Contemporânea, mestre em Comunicação e doutora em Sociologia pela UFPE. Colunista de política do Jornal do Commercio, empresa de comunicação de Pernambuco.

Las teorías de la disposición y el estudio de la pluralidad del reportero-amador

Resumen

La sociedad está interconectada en red, fenómeno que se dio gracias al acceso masivo al internet. Como consecuencia, se modificaron las relaciones sociales de los individuos que integran el proceso de producción de la noticia. Todos pueden ser consumidores y productores de la información a la vez. La sociología contemporánea se ve desafiada a profundizar sus estudios visando identificar las disposiciones deflagradas por el ciudadano cuando motivado a actuar como productor. Este artículo pretende contribuir con estas investigaciones, basándose en la teoría de la disposición y mas específicamente en la sociología la escala del individuo de Bernard Lahire. A partir de ella, buscamos entender como el actor se siente motivado a ser reportero-amador, mediante el enmarañado de variaciones interindividuales e intraindividuales.

Palabras-clave: Sociología. Disposiciones sociales. Periodismo. Reportero-amador.

INTRODUÇÃO

Para um acontecimento virar notícia⁴, ele tem que passar por um complexo sistema de produção e é o seu valor informativo que indicará a sua relevância. O enquadramento da notícia é subjetivo, construído a partir do lugar de fala de uma série de atores: do repórter, do editor, do proprietário do veículo e das fontes de informação. A versão do indivíduo que procura o jornalista na posição de simples consumidor da notícia, alçado eventualmente a personagem das histórias que a mídia conta, é de uma forma geral menos valorizada do que a do especialista, identificado tradicionalmente como fonte.

Mesmo diante desse cenário adverso, o cidadão comum⁵, que não é *expert* em um determinado tema nem fonte oficial, não se contenta em ficar exercendo estritamente o papel de consumidor de informação. Diferentemente do que faz uma parte da audiência dos conglomerados de comunicação⁶, ele procura dialogar com as redações. É chamado de cidadão-repórter⁷, um conceito elaborado para identificar o ator social que interage com a grande imprensa, opinando ou sugerindo assuntos que deseja ver nas edições jornalísticas.

Essa interação, como relata Castells (2002), foi facilitada pela popularização do acesso à internet. Percebe-se que, além da popularização da internet, a prática desse cidadão foi ampliada com a informatização dos veículos de comunicação e a abertura de canais de colaboração entre a redação e o cidadão. Os conglomerados foram levados a adotar esses canais para que a audiência tivesse a sensação de estar participando mais

⁴ Os valores-notícia são um dos principais componentes da narrativa jornalística. Devem trazer novidade e originalidade, gerar repercussão, revelar importância e gravidade, registrar a opinião de todas as pessoas envolvidas e divulgar a posição de autoridades que possam trazer esclarecimentos e tomar decisões para resolver os problemas abordados. Esse processo produz o sentido desejado, associando a imagem dos meios de comunicação ao local de referência para o debate público (MARTINI, 2000). Em função da popularização do uso da internet, a notícia passou a ser produzida por indivíduos que queriam dizer alguma coisa (MIRANDA, 2008), construída pelas novas relações sociais que se estabelecem no mundo social.

⁵ O cidadão comum é aquele que recebe a informação dos veículos de comunicação sem ter participado do processo de construção da notícia ou reagido a ela através de comentários, conceito usado por Moraes (1997) e Melo (2003).

⁶ De acordo com Melo (2011), os conglomerados são empresas voltadas para o mercado. Elas têm o objetivo de vender o seu produto, que vai além da informação. Reúnem jornais, revistas, televisões, rádios e mídias digitais. Também podem agregar outras empresas ligadas ou não à comunicação.

⁷ O conceito cidadão-repórter também é usado por Sbarai (2011) e Moretzsohn (2007).

ativamente do processo de produção da notícia, por mais que os filtros de seleção do conteúdo continuassem a ser controlados pelas empresas.

No mundo virtual basta o indivíduo ter um computador ou qualquer outra plataforma móvel conectada à internet para navegar livremente. Além de interagir e colaborar com os jornalistas, parte desses cidadãos está criando espaços virtuais nos quais ela mesma escreve a notícia, sem se submeter aos filtros de edição das redações. É o que conceituamos de repórter-amador, um indivíduo que vai além do papel de cidadão-repórter para instituir um espaço autoral. Nele, produz notícia sem se reportar aos jornalistas.

Neste artigo, propomos fazer um apanhado conceitual que deu contorno à nossa tese de doutorado, que recorre à tradição da sociologia disposicionalista. Para fazer uma análise sociológica do quadro que desenhamos empiricamente, utilizamos como aporte teórico a sociologia à escala do indivíduo de Lahire (1991; 1993; 2002; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2010a; 2010b). O autor nos mostrou o caminho para que pudéssemos perceber as variações inter e intraindividuais e como se manifestam em cada um dos seis atores analisados em nossa pesquisa.

Na tese, estudamos os universos sociais desses indivíduos por meio da reconstituição de suas trajetórias de vida. Inicialmente, identificamos quais eram as disposições sociais que mais frequentemente os motivavam a deixar de ser consumidores da informação para desempenharem os papéis de cidadão-repórter e repórter-amador. Em uma segunda etapa, aprofundamos a pesquisa para compreender como essas mesmas disposições foram sendo construídas por cada um deles em meio ao emaranhado de influências contextuais e relacionais recebidas nos processos de plurissocialização nos mundos das famílias original (pai, mãe e irmãos) e formada (marido/esposa e filhos), da escola, da comunidade, do trabalho e do jornalismo.

Essa prática do cidadão tem sido importante para as mudanças nas configurações e relações sociais que são estabelecidas pelos atores que estão dentro e fora da grande imprensa. Esse mundo social é fechado, quase inacessível, e esses indivíduos, que têm um papel mais participativo e provocador, estão contribuindo para quebrar regras, como as da concepção das notícias, e trazer mudanças estruturais ao campo de disputas do jornalismo.

Muitas hipóteses poderiam ser pensadas no âmbito da comunicação para esses questionamentos. No decorrer da pesquisa de doutorado, porém, percebemos a

existência de correlações e inter-relações entre as estratégias e os interesses da grande imprensa de um lado, e as percepções, os sentimentos individuais e as competências envolvidos na ação individual e nas interações sociais, de outro. O problema ultrapassava a mera investigação culturalista⁸ na qual as interações se restringem a uma luta (organizada ou não) pela hegemonia de interesses ideológicos dos grupos sociais em questão.

Deste ponto de vista, buscamos as respostas no âmbito da sociologia, e não numa sociologia teórico-crítica⁹ de base frankfurtiana, ou numa sociologia culturalista, ambas pouco atentas aos processos de construção das competências disposicionais dos indivíduos e suas consequências nas relações entre indivíduo e sociedade. O paradigma sociológico que melhor responde ao problema é o que foi adotado na tese: as chamadas teorias disposicionalistas que fazem parte de uma longa tradição sociológica oriunda da sociologia durkheimiana e da antropologia estrutural (estruturalismo straussiano) que se desenvolve na segunda metade do século XX, passando, sobretudo, pela contribuição de Pierre Bourdieu e chegando ao século XXI pelo trabalho de autores que desenvolveram ou que fazem crítica imanente à corrente disposicionalista, a exemplo de Bernard Lahire.

Na tese, analisamos sociologicamente as disposições desse indivíduo que desempenha os papéis do que conceituamos como cidadão-repórter e repórter-amador, realizando o que estamos considerando como *jogo do agir ativamente no jornalismo*, um conceito que conecta os dois movimentos: o de colaborar e o de criar um espaço autoral sem a interferência de jornalistas. Neste jogo, o ator institui um espaço de atuação jornalística de forma amadora e voluntária.

A TRADIÇÃO DA TEORIA DISPOSICIONALISTA

⁸ Como a pesquisa de Brunns (2005) sobre o gatewatching que trata do novo papel do jornalista na cultura do campo, que passa a ser um selecionador das informações em função das notícias que circulam na grande rede. Não é mais apenas um gatekeeping, o guardião que determina o que é ou não notícia. Vizeu (2003) também segue a mesma linha de investigação para estudar como as rotinas de produção de editores de telejornais contribuem para definir o que é notícia.

⁹ Este aspecto foi investigado por Calvo (2012), por exemplo, ao estudar como o jornalismo praticado pelos conglomerados, após a abertura de canais de participação para a audiência, não assegurava a democratização do processo de produção da notícia. Isso porque a opinião pública não conhece os interesses comerciais e políticos das empresas. Além do mais, não houve uma concessão, mas uma mudança de estratégia comercial para assegurar a sobrevivência no mercado.

A teoria disposicionalista envolve as noções de disposição, inclinação, hábito, tendência e pluralidade das disposições incorporadas. Está dentro de uma grande tradição teórica que é a das teorias da ação. Dessa perspectiva, fazem parte estudiosos como Weber (1999; 2005), Bourdieu (1993; 1996; 1999a; 2003; 2008), Goffman (1975), Elias (1994a e 1994b) e Lahire. A disposição é uma força interna, forjada nos processos de socialização, nos esquemas de ação do passado e do presente que sofrem influência do contexto e das relações sociais que se estabelecem entre os indivíduos. É um conceito que carrega muita afetividade, mas pode ter um componente forte de racionalidade.

Podemos encontrar dois tipos de disposição (LAHIRE, 2006a): a de crer (mental) e a de agir (comportamental). A primeira se caracteriza pelo que julgamos ser importante. A segunda pelo que estamos dispostos a fazer. É difícil separar essas disposições. Estão inter-relacionadas porque, antes da ação, há o pensamento que impulsiona o indivíduo à prática, o que ocorre de forma inconsciente. Sem a capacidade de entender o que o ator observado pensa ou julga crer e as suas percepções, é impossível se compreender a disposição.

Trabalhamos com a disposição para a ação, considerando o pensamento que aciona os dispositivos para a prática. Partimos do pressuposto de que é a associação das disposições para crer e agir que levam o indivíduo a acionar inconscientemente esquemas disposicionais que o fazem tomar a decisão de agir ativamente no jornalismo. Mas é só uma parte da audiência que quer ser repórter-amador.

A disposição se revela pelas ações e pela ideia de recorrência. Para ter acesso à disposição, a teoria disposicionalista busca reconstruir uma realidade da forma que é observada indiretamente. É um trabalho de interpretação de comportamentos e opiniões, que desvenda os princípios que geram a multiplicidade das práticas. Para Lahire (2004a), há uma diferença entre disposição e competência. Enquanto a noção de disposição faz parte de um esquema de ação prática, o conceito de competência está vinculado a uma qualificação, a uma qualidade racional. A competência está relacionada a saberes ligados a uma circunstância ou a uma prática bem particular de treinamento, inserida em um determinado contexto. Esse treinamento para a constituição da competência, contudo, poderá significar que o indivíduo tem uma disposição geral ou específica para determinada ação prática.

Em nossa pesquisa, os conceitos de disposição e de competência, porém, estão próximos, juntos contribuem para formar a noção que utilizamos ao longo deste estudo: a de agir ativamente. Essas expressões representam a conexão entre o “estar disposto” e o “ter competência” para que o cidadão acione inconscientemente as disposições que o motivam a desempenhar os papéis de coprodutor e produtor da informação.

Lahire (2004a) percebeu que o indivíduo pode ter certas competências sem ter inclinação para aplicá-las espontaneamente. E que certas disposições, segundo ele, estão associadas a contextos próprios. Se não houver um contexto favorável, as disposições podem ser facilmente controladas. Se o contexto não for favorável, a disposição não é ativada ou pode entrar em crise. O aspecto contextual está ligado às variações interindividuais. Assim como o fator contextual, o aspecto relacional é fundamental para que as disposições sejam ativadas ou não, atualizadas ou não. Esse aspecto relacional está ligado às variações intraindividuais.

Ao destacar as variações intraindividuais, percebe-se a amplitude das variações interindividuais. Cada ator é único, produto de uma infinidade de experiências socializadoras. Essas variações mostram o funcionamento do mundo social. A sociologia das disposições está preocupada em captar os efeitos socializadores dos deslocamentos sejam eles grandes ou pequenos nas disposições individuais socialmente constituídas.

A socialização é a transmissão e assimilação de símbolos, valores, normas e padrões de comportamento. A linguagem é o instrumento eficaz para a operacionalização deste sistema, que se divide em primário e secundário. No primeiro, o indivíduo aprende os padrões de comportamento para entender a lógica do funcionamento do sistema social. No segundo, o aprendizado é mais específico para que o ator possa enfrentar situações mais complexas e ocupar determinadas posições (GIDDENS, 2005; TURNER, 1999).

Segundo Lahire (2004a), existem três grandes blocos que explicam os processos de socialização: 1) o que acontece por treinamento ou prática direta, 2) o que ocorre por efeito mais difuso de organização em uma determinada situação e 3) o que se desenvolve por inculcação ideológico-simbólica de crenças. “Por essas razões, os

patrimônios individuais de disposições têm poucas chances de serem perfeitamente coerentes e harmoniosos” (LAHIRE, 2004a, p. 335).

A socialização por treinamento ou prática direta acontece pela participação do indivíduo em atividades recorrentes. Isso ocorre na família, na escola e no trabalho onde se podem construir disposições sociais. A socialização por efeito mais difuso de organização em determinada situação acontece a partir de um determinado contexto e também é conhecida como uma socialização silenciosa. Ela não se dá por meio de uma inculcação moral, ideológica ou pedagógica. É gerada por dispositivos não discursivos.

O terceiro tipo de socialização é o que ocorre por meio de uma inculcação ideológico-simbólica de crenças, como as normas culturais, instituídas de forma discursiva ou não, uma vez que são maneiras de ver e de dizer o mundo. Essas diferentes formas de socialização surgem de maneira coerente ou não, mas normalmente são dissonantes. O ator pode perceber isso por meio dos universos sociais que frequenta ao longo da vida.

Os indivíduos vivem em âmbitos socializadores heterogêneos e convivem com outros indivíduos que têm disposições distintas das que eles incorporaram. A plurissocialização está na origem da variação interindividual dos comportamentos sociais e na percepção que o indivíduo tem de que é único.

As variações do indivíduo podem ser originadas a partir de deslocamentos feitos pelas influências dos processos socializadores, impulsionadas por mudanças nos âmbitos profissional, econômico e educacional ou ainda por relações de amizade ou de parentesco. Uma análise das variações inter e intraindividuais pretende buscar a pluralidade e a singularidade das disposições que são importantes para que cada indivíduo acione os seus esquemas disposicionais que o levem a agir ativamente no processo de produção da notícia, esteja ele cooperando com as grandes empresas ou não.

AS TEORIAS DA AÇÃO E DO ATOR

As teorias da ação e do ator estão no subterrâneo do programa de estudo de Lahire, construído em torno de uma série de tensões geradas pelas interpretações sobre o papel do ator. Para estudá-las, é preciso conhecer a base da teoria sociológica da ação de Weber. A sociologia é uma ciência que tenta compreender a ação social de forma

interpretativa por meio da qual poderíamos explicá-la causalmente através do seu curso e de seus efeitos (WEBER, 2005; 1999; SCHUTZ, 1979). A ação humana só deve ser considerada quando a pessoa que age atribui um significado à ação, dando-lhe uma direção. É uma conduta intencionada e intencional que se torna social quando é dirigida à conduta de outros.

Weber defendia que a sociologia deveria se ocupar do significado subjetivo da conduta social, significado este que pode ter suas interpretações: a que o próprio autor atribui à sua conduta e a que a sociologia tem da conduta do indivíduo que é observado. Nesse último caso, a sociologia procura estabelecer uma média típica de sentido para um mesmo tipo de ação ou constrói um tipo ideal de conduta.

Weber (BRUNKHORST, 1996) estudou a ação racional. Em função de seu interesse pela compreensão racional, criou o conceito de *Verstehen* ou compreensão, que está ligado à conduta subjetivamente significativa que é interpretada por outro ator ou pelo sociólogo. Essa compreensão pode ser real, quando é originada da observação direta do indivíduo, ou explicativa, quando se baseia nas motivações subjacentes da ação observada. Nesse último sentido, o sociólogo interpreta através das motivações.

As teorias da ação e do ator podem ser reunidas em dois grupos, a partir de postulados que, segundo Lahire (2002), não são discutidos, mas dados a priori. No primeiro grupo estão os trabalhos que privilegiam a unicidade e a homogeneidade do indivíduo, conferindo um peso grande ao passado e à ação reflexiva, o que resulta em modelos macrossociológicos. Esse grupo não valoriza as características singulares e complexas de um contexto imediato da ação. Nele, pode-se inscrever Bourdieu (1983; 1996; 1997; 2003; 2008) e o seu conceito de *habitus*.

Quando os especialistas interiorizam e praticam os valores, as normas e os princípios de um campo social, para Bourdieu (1996; 1997; 2003; 2008), eles asseguram, de certa forma, as relações de reprodução e de poder. É dessas relações que se origina o *habitus*, um conhecimento, sentimento, percepção, comportamento e pensamento adquirido, produzido e acumulado a partir da capacidade que cada indivíduo tem de dominar rituais e linguagens próprias de um determinado campo social.

A noção de *habitus* de Bourdieu não se aplica apenas à interiorização de normas e valores, mas também aos sistemas de classificações que já existem e que são anteriores às representações sociais. É na reprodução dessas representações que há um processo de dominação. Bourdieu (2008) também destaca que uma das primeiras funções de orquestração do *habitus* é justamente a autorização da transferência intencional para o outro, como se fosse uma prática que fizesse parte da lógica natural da ação.

Uma das funções do conceito de *habitus*, segundo Bourdieu (1996; 2003; 2008), é o de unificar as práticas de um ator e de uma categoria. É, sobretudo, um princípio gerador de práticas distintas e distintivas. É também um esquema classificatório de gostos. São essas diferenças nas práticas, nos bens possuídos e nas opiniões expressas que terminam se transformando em diferenças simbólicas entre grupos e classes. Essas diferenças irão constituir um sistema de disposições duráveis e transferíveis inconscientemente.

Dessa forma, para Bourdieu (1996; 2003; 2008), as disposições se realizam no *habitus* e surgem em condições homogêneas de socializações, evidenciando um ajustamento às situações que poderiam gerar tensões. Apesar disso, Bourdieu (1983) admite que o *habitus*, como produto objetivo de variações de classe e de capitais econômico, social, cultural e simbólico, pode gerar práticas diversas e imprevisíveis se olhadas de forma individual.

Lahire parte deste ponto do trabalho de Bourdieu e avança, flexibilizando o conceito de *habitus* para elaborar o seu programa para uma sociologia à escala do indivíduo. É importante ressaltar que, para Lahire (1991; 1993; 2002; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2010a; 2010b), a noção de disposição está relacionada ao pensamento e à ação que são colocados em prática por qualquer indivíduo a partir de suas experiências incorporadas por meio de esquemas de socializações passadas e presentes.

O indivíduo vai mobilizando inconscientemente as suas disposições de acordo com cada situação vivida, levando em conta aspectos singulares das variações interindividuais e intraindividuais. Por isso, Lahire prefere utilizar o termo esquema disposicional, ao qual caracteriza mais aberto, em vez do de sistema disposicional de Bourdieu, que considera mais fechado. Lahire dá ao termo esquema disposicional

flexibilidade porque considera que o indivíduo está mais aberto para se adaptar às mudanças nas configurações dos universos nos quais está inserido.

As disposições surgem não só pelas condições de homogeneidade, mas, sobretudo, por situações heterogêneas onde há dissonâncias entre os indivíduos. Até porque o mesmo cidadão pode entrar e sair de diferentes mundos e campos sociais, fazendo um jogo disposicional. O social, ao longo das trajetórias de cada ator, fica retido de diferentes formas, o que torna o universo de cada indivíduo plural e único. Afinal, o contexto é de múltiplas socializações.

Na teoria da prática de Bourdieu (1996), o indivíduo faz um movimento de mão dupla com a estrutura – é estruturado, mas também tem a capacidade de estruturar –, o que vai originar o *habitus*. Em nossa tese, porém, não utilizamos o conceito de *habitus* porque não estávamos trabalhando na perspectiva de estudar se o cidadão analisado tem *habitus* que poderia incluí-lo como membro permanente do campo do jornalismo, uma vez que o indivíduo que age ativamente, colaborando com a grande mídia ou criando um espaço próprio para se expressar não destina o seu tempo prioritário a esta prática nem faz isso para ser remunerado. Ele desempenha os dois papéis em seu horário de lazer e de forma voluntária. Entra e sai do campo do jornalismo a qualquer momento, não fica retido nele.

Para muitos teóricos (HALL, 2003; BOLTANSKI, 2005; JUNQUEIRA, 2010), o conceito de *habitus* é muito rígido para estudar uma sociedade em rede onde o fluxo comunicacional se desenvolve de forma cada vez mais rápida e flexível, e onde o universo do indivíduo está ficando mais repleto de nuances e dissonâncias pela própria heterogeneidade da sociedade. O *habitus* abre diferentes possibilidades de usos e interpretações, mergulhando o ator em uma situação que, para alguns autores, pode “encerrar a possibilidade de que algo novo aconteça” (BOLTANSKI, 2005, p. 162).

A análise das disposições desse novo emissor da informação extrapola o conceito de *habitus* de classe profissional e de grupo. Isso porque a maioria deles não tem essa atividade como profissão remunerada. Os indivíduos entrevistados em nossa pesquisa são oriundos de diferentes profissões e de diversas classes sociais. Inscreveram-se no fórum colaborativo do Diário de Pernambuco a partir de ações individuais. Esses internautas vêm de diversos lugares e se encontram no fórum. De lá,

partem para outros lugares. É nesse jogo que eles acionam os seus esquemas disposicionais para agir ativamente no jornalismo.

Em relação ao primeiro grupo que trabalha as teorias da ação e do ator, Lahire (2002) ressalta a influência que Bourdieu exerceu sobre ele. Na tradição disposicionalista de Bourdieu podem ser encontradas as noções de incorporação das estruturas sociais, de sistemas de disposições, princípio gerador e unificador de práticas, de *habitus*. Para Lahire (2004a), porém, Bourdieu tenta levar o conceito de *habitus* ao máximo de sua aplicação.

Pontes (2009) analisa a noção de pluralidade dos esquemas disposicionais na obra de Lahire e concorda que a noção do *habitus* traz limitações para estudar os patrimônios disposicionais do indivíduo. “A homogeneidade do *habitus* dá lugar à pluralidade disposicional ao passo que as propriedades objetivas inscritas nos campos sociais tornam-se possibilidades contextuais” (PONTES, 2009, p.6).

Lahire considera ainda que o *habitus* não é incorporado imediatamente porque existem situações de muita heterogeneidade. Lahire e Bourdieu, porém, estão inscritos na sociologia disposicionalista, na forma de pensar a ação social a partir das memórias das experiências passadas pelo indivíduo, coisas internalizadas que se revelam na prática social, a das múltiplas socializações. Lahire aprofunda as disposições a partir desse ponto e vai investir na complexidade dos papéis que pode ser explicada através dessas tendências. Alguns atores se adaptam mais rapidamente às mudanças, outros em ritmo mais lento. E ainda há outros que resistem, não querem se adaptar.

Lahire promove uma reflexão sobre o lugar destinado ao contexto na teoria da ação nos estudos de Bourdieu. O contexto mais o *habitus* geram as práticas. “Não se pode pretender que o sociólogo descreva apenas atores movidos por puras e simples ‘determinações internas’ e que as disposições que ele menciona possam ser reduzidas a ‘rotinas’”. (LAHIRE, 2004a, p. 22).

Em relação ao segundo grupo das teorias da ação e do ator, Lahire (2002) afirma que nele estão os estudos que buscam a fragmentação interna das experiências. Ele não delega tanta importância assim ao passado como o primeiro grupo dessas teorias. Esse segundo grupo, no entanto, ressalta a multiplicidade incorporada das experiências vividas e o estudo das ações inconscientes, do senso de improvisação, mas não prioriza o que na ação presente depende do passado incorporado dos atores. Nele, inscrevem-se

os trabalhos de Schutz (1979; 1970; 1962), da sociologia fenomenológica, e de Goffman (1975), da sociologia da dramaturgia.

Schutz defende o estudo das formas como as pessoas vivenciam o cotidiano. Por isso, para ele, o contexto de significado, na ciência social, só é legítimo quando se efetua na tradução dos estoques de conhecimentos que estão dados no mundo social. Só assim se poderiam construir, como nas demais ciências, sistemas conceituais analíticos da ação social. Esses sistemas se baseiam em experiências reais e em um movimento de ida e volta, que preservaria os laços de singularidade dos atores.

Para Lahire, os laços de singularidade são importantes para reconhecer aspectos de homogeneidade e heterogeneidade do próprio indivíduo, analisando as variações inter e intraindividuais. Dessa forma, pode-se perceber o que do social ficou retido no indivíduo ao longo dos processos da plurissocialização.

Na sociologia fenomenológica, o conhecimento é mediado por categorias. Os estoques de conhecimento funcionam como um código de referência, um código de interpretação de experiências passadas e presentes. É o sistema que revela o nosso interesse prático ou teórico que determina não só o que é problemático e o que pode permanecer inquestionável, mas também o que deve ser conhecido. Os estoques de conhecimento transitam num fluxo contínuo e mudam não só em termos de extensão como de estrutura.

Já Goffman (1975) estuda um “si-mesmo” que flutua em cada situação, que pode variar de acordo com cada cena. Trata do ator em um cenário de representação, o indivíduo no centro do palco. Em sua sociologia da dramaturgia, mostra como a vida social acontece, o lugar que as pessoas ocupam, o cenário e as ações. É uma teoria das disposições dos atores, da perspectiva da representação teatral.

Para Goffman (1975), o ator, na sua vida real, está ligado a dois elementos: ao papel que ele desempenha e que está vinculado aos papéis dos outros atores e à plateia que é composta por esses outros atores. Assim, existem duas formas básicas de comunicação, de interação entre os indivíduos, a que é dada e a que se emite. Essa segunda é a do tipo teatral e contextual, de natureza não intencional, quer seja ela emitida de forma proposital ou não. A perspectiva de interação de Goffman é a da face a face. É a influência recíproca entre os atores que implica em uma presença física e um

sistema disposicional. A noção de desempenho da ação é a do poder de um ator de influenciar, de alguma forma, o outro.

A crítica que Lahire (2002) faz a esse segundo grupo das teorias da ação e do ator é que o pesquisador, ao estudar as variações, não pode correr o risco de cair em um empirismo radical, identificando uma variação de papéis, comportamentos e reações sem identificar nenhuma ligação entre eles. Para o autor, a fragmentação infinita pode dificultar a estruturação dos objetivos da pesquisa.

Não se pode resolver esse problema dualístico amparando-se apenas na teoria, mas através da pesquisa empírica. É necessário, segundo Lahire (2002), procurar saber as condições sócio-históricas que tornam possível uma ação racional e identificar as situações sócio-históricas nas quais os indivíduos podem, de forma consciente, agir de maneira intencional e calculada. Lahire defende um estudo sobre as diversas formas de reflexão que agem nos diferentes tipos de ação, ou seja, uma sociologia da pluralidade por meio da reconstituição dos universos sociais.

Pode-se sintetizar que as disposições aparecem quando são postas em prática, quando elas acontecem em determinados contextos e na relação dos indivíduos com uma dada situação. Mas o esquema disposicional nem sempre é revelado pelo indivíduo no momento da ação. Há disposições que podem ficar em estado latente. Há, contudo, uma tendência a ver as disposições incorporadas como motores interiores da ação.

A TEORIA DA PLURALIDADE DO INDIVÍDUO

Na sociologia à escala do indivíduo, Lahire (2002) propõe um programa de investigação que possa fornecer ao pesquisador as condições necessárias para um estudo sociológico mais singular do social. Quando Lahire trata de seu programa de estudo aborda o eterno dilema da sociologia, que é a relação entre estrutura e indivíduo, mas esses dois elementos não são excludentes. O social está no indivíduo e o indivíduo está no social. O ator é plural e único. O programa de Lahire se baseia no pressuposto científico de que o social se fortalece quando é captado na escala individual.

Desde a sua origem, a sociologia tem um entendimento complexo sobre a noção de indivíduo. Para firmar uma fronteira em relação à psicologia, a sociologia deixou para os teóricos da psicologia a análise das realidades individuais. Para os sociólogos do

paradigma materialista e culturalista, que são predominantes no atual paradigma dos estudos sociológicos da cultura e da mídia, o social é o coletivo.

Por isso, para compreender as atitudes sociais, o sociólogo realiza uma pesquisa comparando as variações entre sociedades, classes, grupos e categorias. Dificilmente, desloca a sua atenção para as variações inter ou intraindividuais, como Lahire propõe. Um dos teóricos fundadores da sociologia moderna, Durkheim (2001) defende que o fato social tem “uma existência própria”, independentemente das manifestações individuais.

Quando funda a noção de fato social, Durkheim, para Lahire (2006a), faz um duplo movimento. Primeiro, exclui o indivíduo por considerar que o social (o todo) é mais e não o mesmo do que a soma das partes (dos indivíduos). Depois, personifica a noção de coletivo, transferindo para o todo os atributos antes delegados ao indivíduo, como a consciência. Lahire considera problemático o fato de existir sem perpassar o indivíduo.

Uma sociologia à escala do indivíduo pergunta como a diversidade das experiências socializadoras, muitas vezes contraditórias, tomam corpo no cidadão, como essas experiências são introjetadas de forma mais ou menos duradouras e como aparecem nos diversos momentos da vida do ator social, determinando as suas características e comportamentos. Lahire concebe a noção de indivíduo não como um ser com características gerais, mas como um ser singular que carrega as marcas impressas pelo mundo social. É nos indivíduos que as marcas do mundo social podem ser identificadas.

Durkheim (2001) coloca o indivíduo fora do interesse do estudo sociológico, baseando-se em realidades macrossociais. Lahire (2006a) alerta, porém, que o acesso a essas realidades pressupõe processos de totalização e categorização que tomam como ponto de partida os comportamentos individuais. O indivíduo, assim, é uma forma refletida do social. É singular por razões sociais. Os atores são o resultado das diversas experiências. Não é uma unidade elementar da sociologia, mas uma realidade complexa. Por isso, quando se estuda o indivíduo, estudam-se cenas e contextos. É a realidade social internalizada.

A teoria do indivíduo plural defendida por Lahire (2002) tomou como suporte estudos feitos por Naville, na década de 40, sobre a multiplicidade dos hábitos incorporados interligados aos diferentes universos sociais. A personalidade, para Naville (1942), é o produto dos diversos sistemas de hábitos incorporados nas relações profissionais, conjugais, políticas, entre outras. Ele fez um cruzamento entre os sistemas dos hábitos e os domínios das práticas.

Outro autor que também inicia um esboço sobre uma teoria do ator plural é Proust (1971). Quando analisa a obra literária, mesmo de forma parcial, Proust afirma que o ator revela sua pluralidade quando está “nos domínios de existência nos quais é socialmente levado a evoluir” (LAHIRE, 2002, p.37). O homem que escreve um livro não é, para Proust, o mesmo homem que age em outras situações. O ator é composto de “várias pessoas superpostas”. Ele analisou a atuação do ator de uma obra no espaço literário e fora dele, delegando, no entanto, a maior parte dessa análise ao domínio literário.

De acordo com Lahire (2002), Proust, entretanto, não aprofundou as diferenças entre o “eu literário” e o “eu exterior”. Seus estudos, contudo, sinalizam para a pluralidade interna dos indivíduos, que são múltiplos nas diferentes situações do mundo social. É a partir das interpretações dos comportamentos (instâncias e momentos de socialização) que o esquema disposicionalista procura entender como o indivíduo aciona as suas variações que são externalizadas pelas práticas, incorporando estruturas exteriores e externalizando essa interiorização. Essa é a metodologia da sociologia disposicional.

É preciso observar uma série de comportamentos, atitudes e práticas que sejam ou não coerentes. Não se pode falar em disposição sem provar empiricamente que ela existe. A disposição é o produto incorporado de uma socialização passada, mesmo que isso aconteça de forma implícita ou explícita, que é atualizada ou não em função de fatores relacionais e contextuais do presente. Na etapa empírica de nosso trabalho, estudamos as disposições sociais do indivíduo que age ativamente para exercer práticas jornalísticas, quando colabora com a grande imprensa e quando cria um canal próprio para divulgar informação. Procuramos compreender se esses esquemas são acionados em um determinado contexto ou se já estão fazendo parte do comportamento geral desse ator e como cada indivíduo analisado na pesquisa aciona o seu esquema disposicional.

Para frisar a importância de se pesquisar a pluralidade das disposições dos indivíduos, Lahire (2006a) cita um exemplo de um homem de comportamentos culturais contraditórios: Wittgenstein. Por um lado, erudito, burguês e ascético. Por outro, apaixonado por westerns, histórias policiais e feiras livres. Os indivíduos, geralmente, mostram-se surpresos diante de dissonâncias culturais. Há uma ideia sobre socialização individual que contribui para que o modelo de transferência generalizada prevaleça.

Lahire propõe o desafio de observar o mundo social na escala do indivíduo, considerando as singularidades de cada um, o que vai contribuir para a construção de uma sociologia do indivíduo. Ao mudar a escala da observação, nos leva a ter uma imagem do mundo social a partir das variações intra e interindividuais e não apenas das variações entre classes, categorias ou gêneros. Lahire não pretende negar todo o avanço sociológico dos modelos do passado, mas propor um olhar mais singular do social.

As variações individuais podem ser um objeto específico da sociologia porque as realidades individuais estudadas são sociais, uma vez que são socialmente produzidas. As variações individuais de comportamentos têm origens e lógicas sociais. Para Lahire (2004a), o social é encontrado no indivíduo em dois estados: o desdobrado e o dobrado.

A fase desdobrada é mostrada quando refletimos exteriormente o que incorporamos ao longo dos processos de socialização, mas sem deixar transparecer as particularidades. É a tentativa, mesmo que de forma inconsciente, de nos enquadrar em padrões gerais para que possamos ser regulares e homogêneos. É como se mostrássemos um papel de presente já usado como novo, que teria sido alisado na intenção de esconder as marcas da utilização anterior. É a tentativa de se ocultar as dobras. De forma inconsciente, na fase desdobrada buscamos nos enquadrar nos modelos socializadores gerais: para não expor as diferenças e as singularidades, ficamos na aparência, alisando a nossa imagem para encobrir as disposições internas que são contrárias ao padrão geral.

A fase dobrada é mostrada quando não ficamos na superfície, mas vamos ao interior do indivíduo para capturar o que ficou retido em sua formação singular. É a fase em que tentamos descobrir as marcas. Se utilizarmos o mesmo exemplo acima, o do papel de presente, a etapa dobrada pode ser comparada com a descoberta da antiga dobra do papel que antes tentamos esconder quando o alisamos. Quando trazemos para

o indivíduo, é nessa etapa que se revelam a pluralidade e a diversidade dos processos socializadores. Assim, podemos perceber as heterogeneidades que tentamos inconscientemente ocultar.

Nesse contexto, é quase impossível que, diante da pluralidade de suas experiências, o ator seja homogêneo. Por isso, é necessário estudar as experiências passadas e as situações que ocorrem no presente. Como as disposições são complexas e mudam de indivíduo para indivíduo, encontramos as chaves de compreensão que nos ajudaram a elaborar o desenho da configuração descrita a seguir. O programa de Lahire nos serviu de base para que traçássemos este desenho, que nos levou a ter acesso ao processo das variações das trajetórias de vida dos cidadãos comuns que estudamos.

Configuração disposicional
Figura – 1

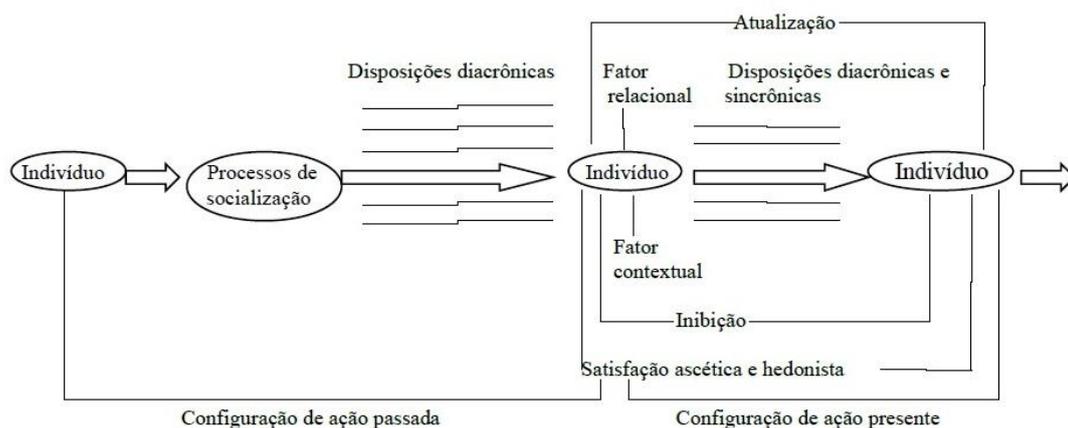


Figura 1 – Configuração dos processos da trajetória de vida do cidadão comum
 Fonte: Elaboração própria com base em Lahire (2002; 2004a; 2005; 2006a; 2010a; 2010b)

As disposições se revelam pela interpretação dos comportamentos coerentes ou contraditórios do ator estudado. O indivíduo descreve o que faz, os seus pensamentos, as suas disposições sociais, mas, na maioria das vezes, não tem consciência das motivações internas e externas que o levam a agir dessa ou daquela forma. Por isso, devemos ficar atentos aos dois tipos de disposições que podem ser acionados pelo indivíduo: os de variação diacrônica, que levam em conta o trajeto biográfico, e os de variação sincrônica, que levam em conta o contexto (LAHIRE, 2004a).

As disposições também podem se manifestar de forma constituída ou requisitada. As constituídas levam o indivíduo à renúncia de si em função de exigências

externas. Nesse caso, há possibilidade de ascetismo por conta de um aspecto racional e até coercitivo. Existe um movimento de quase obrigatoriedade por parte do ator. Já as disposições requisitadas são mais voluntárias e hedonistas, envolvendo afetividade. É como se houvesse uma espécie de autoexigência por parte do indivíduo. Nos dois casos, podem ser influenciadas por variações de disposições dos tipos diacrônicos ou sincrônicos.

Nossa tese propõe traçar retratos sociológicos de cidadãos comuns que agem ativamente no jornalismo, identificando como cada um deles interioriza o seu patrimônio heterogêneo de disposições para construir e acionar, de forma inconsciente, os seus esquemas disposicionais individuais. Os estudos de Lahire nos ajudaram a revelar o complexo mecanismo de suspensão/ação ou inibição/ativação que o indivíduo aciona para ser repórter-amador. A operação dele conecta a pluralidade das disposições dos cidadãos comuns estudados, incorporadas ao longo dos processos de socialização, com as variações disposicionais de outros atores que se relacionam com eles nos diversos mundos sociais.

Em função dos inúmeros mundos sociais que o indivíduo atravessa ao longo de sua trajetória de vida, consideramos a influência da interiorização do patrimônio disposicional por meio dos elos sociais dos atores com os quadros de socialização com as famílias original (pais, irmãos, avôs, tios e primos) e formada (esposo (a) e filhos), a escola, a comunidade, o trabalho e o jornalismo. Esses universos foram inseridos no desenho a seguir, elaborado a partir da configuração disposicional da figura 1.

Chaves para a compreensão: análise da configuração disposicional
 Figura – 2

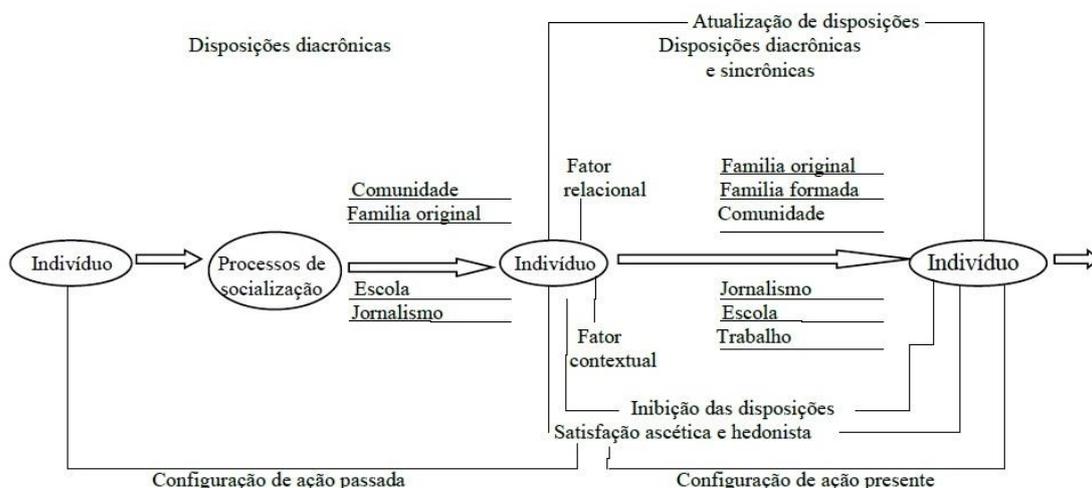


Figura 2 – Estrutura da análise da configuração disposicional

Fonte: Elaboração própria com base em Lahire (2002; 2004a; 2005; 2006a; 2010a; 2010b)

Na configuração disposicional da figura 2, exposta acima, as chaves para a compreensão do agir ativamente estão ligadas aos tipos (diacrônicas ou sincrônicas) e às formas de manifestação (constituída ou requisitada) das variações disposicionais. Assim, é possível identificar os pontos fortes e fracos das tendências que levam o indivíduo a fazer esse jogo do agir ativamente.

Podemos investigar se esse agir ativamente pode ser indicador de uma variação que se manifesta de forma geral (acionada em vários momentos) ou de forma específica (em um momento particular, mesmo que ele se repita várias vezes). Se um indivíduo tem disposição para colaborar com o jornalismo em vários momentos dos seus processos de socialização, isso sinaliza que há uma disposição geral. Caso tenha essa disposição apenas quando quer resolver um problema específico, uma vez que a matéria jornalística é uma forma de torná-lo público, consideramos que essa variação é deflagrada em um momento singular.

Lahire (2004a) percebeu que algumas disposições são ativadas ou não em função de imposições econômicas (não ter mais os meios financeiros), temporais (não ter mais tempo) e espaciais (não viver mais no mesmo lugar). Ao estudar o patrimônio disposicional, as forças externas (contextuais), como o tempo, o lugar e os meios financeiros, podem ser determinantes da ação. Lahire (2006a) alerta, porém, que as variações intraindividuais de práticas e de preferências nem sempre são horizontais.

Elas podem adquirir, conforme o nível de legitimidade (de reconhecimento), um sentido – mesmo que subjetivo – positivo ou negativo e de controle ou de submissão. Em função disso, ele prefere usar o termo “dissonância”, que se revela mais frequentemente na pesquisa da sociologia à escala do indivíduo do que a “consonância”, principalmente se olharmos as singularidades.

CONCLUSÃO

De acordo com Lahire (2004a), a sociologia não pode ficar indiferente às variações intra e interindividuais dos atores. Por isso, o pesquisador precisa tentar destacar e fazer surgir as diferenças e as contradições do indivíduo singular, uma vez que ele não está reduzido a uma única fórmula geradora. Muito pelo contrário, é estimulado por múltiplas variações. Lahire nos leva a olhar o indivíduo de perto e a descobrir as variações de seus contornos, que estão longe de ser claros e precisos. Lahire (2004a) fez um estudo dos perfis de oito atores a partir de suas histórias e deslocamentos, abordando as dimensões contextuais e subjetivas. Afinal, a perspectiva da subjetividade – a da não consciência – não deixa de ser outra forma pela qual a objetividade se manifesta, acionada como resultado dos processos sociais vivenciados pelos indivíduos.

O percurso da análise disposicional que propomos, tomando como base a sociologia à escala do indivíduo de Lahire, nos conduz a investigar e identificar que as disposições dos cidadãos estudados são individuais, mas impulsionam mudanças no âmbito social. As motivações partem dos indivíduos, formadas por influência dos processos de socialização nos diversos mundos sociais, mas provocam ações que repercutem no coletivo porque estão direcionadas para outro ator.

Lahire leva o pesquisador a ir além das causas aparentes e gerais e mostra as origens das disposições que cada indivíduo analisado aciona para se sentir estimulado a participar do processo de produção da notícia. Tendências que se formam, ao mesmo tempo, de maneira plural e singular. Plural, porque decorrem dos processos de socialização; singular, porque são introjetadas e manifestadas a partir de esquemas

disposicionais individuais construídos inconscientemente ao longo das trajetórias de vida de cada ator.

As origens das disposições que estudamos se revelam por meio da interpretação de múltiplos traços, mais ou menos heterogêneos. Essa investigação pode ser feita pela observação direta, por arquivos de documentos, questionários ou entrevistas. Embora o indivíduo possa descrever o que faz e falar sobre as suas rotinas, esse mesmo ator não tem claramente as chaves de compreensão que o levam a acionar os esquemas disposicionais para pensar e agir de determinadas maneiras.

Nossa pesquisa revelou que os seis indivíduos analisados na tese, mesmo atuando como produtores da informação, não são jornalistas profissionais, já que atuam em outros campos profissionais. Ao redigir uma notícia, esse grupo não se percebe como jornalista, no sentido de realizar procedimentos-padrão da cultura jornalística. Por isso, não percebemos a existência de disposições sociais motivadoras de pertencimento a um *habitus* de classe profissional, que poderia revelar um padrão, mas um grande leque de variáveis que se entrecruzam para estimular as tendências e as competências do cidadão.

Percebemos que, para adotarem práticas jornalísticas, esses cidadãos realizaram uma espécie de jogo de entrada e saída do campo do jornalismo. Eles revelavam ambivalências e variações inter e intraindividuais, uma vez que assumiam a posição de repórteres-amadores no tempo livre. Nessa condição, porém, aproximavam-se da imagem dos jornalistas que atuavam nos primórdios da atividade jornalística.

Com base na tradição da teoria disposicionalista e mais especificamente do programa de estudo para uma sociologia à escala do indivíduo de Bernard Lahire, que veio combinada com a definição de jogo, analisamos o desenvolvimento dos esquemas disposicionais que cada um dos seis atores foi aprofundando inconscientemente ao longo de suas trajetórias e que eram acessados quando se sentia estimulado a consumir, colaborar e produzir informação.

A pesquisa sinalizou que na base desses esquemas estavam tendências para as ações sociais, políticas, culturais e religiosas que os influenciavam, de maneiras diferentes, a pensar, sentir e agir como repórteres-amadores. Essas tendências representam disposições que levam os atores estudados a terem, por exemplo, inclinações para o assistencialismo no sentido de ajudar o outro, o gosto pela leitura e escrita, o querer se expressar, o buscar informações mesmo que isso envolva algum grau

de dificuldade, o compreender o problema da coletividade, o mobilizar o outro, o orientar ou o ensinar a partir do próprio exemplo, o mudar de vida, o dialogar com jornalistas e veículos de comunicação, o acompanhar as notícias divulgadas pela grande imprensa e o criar alternativas próprias de comunicação.

Todas essas disposições se articulam como se fossem gatilhos motivadores da ação para o agir ativamente e materializam-se quando são observadas, o que ocorre por meio do estímulo para a realização de práticas jornalísticas. Esse esquema disposicional é mobilizado inconscientemente pelo cidadão comum quando há um contexto social e relações entre os indivíduos que favorecem a sua atualização no momento presente. O jogo do agir ativamente está ligado às disposições hedonistas. Nenhum dos indivíduos analisados sociologicamente demonstrou que elas poderiam se manifestar por meio de uma imposição. Em sociedades como a nossa, com tantas diferenças culturais, não podemos compreender as disposições sociais de um indivíduo como resultado do efeito do deslocamento de uma única ação, pois correríamos o risco de ser reducionistas. Em função da diversidade dos processos de socialização, os atores demonstraram que são levados a se movimentarem de um contexto a outro e de uma relação a outra para que possam acionar os seus esquemas disposicionais para ser repórter-amador.

REFERÊNCIAS

BOLTANSKI, L. (2005). **Usos fracos e usos intensos do *habitus***. In: ENCREVÉ, P. e LAGRAVE, M. *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, p. 155-165.

BOURDIEU, P. (1983a). **Sociologia**. São Paulo: Ática.

_____. (1983b). **"A juventude é apenas uma palavra"**. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero.

_____. (1996). **Razões práticas**. São Paulo: Papirus.

_____. (1997). **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1999a). **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva.

_____. (1999b). **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes.

_____. (2003). **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____. (2006). O camponês e seu corpo. **Revista de sociologia e política**, Curitiba, junho, n. 26, p.1-16.

_____. (2008). **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk.

BRUNS, A. (2005). **Gatewatching: collaborative online news production**. New York: Peter Lang Publishing.

BRUNKHORST, H. (1996). **Ação e mediação**. In: OUTHWAIRE, W. e BOTTOMORE, T. Dicionário do Pensamento Social do século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.2-5.

CALVO, E. (2012). Periodismo ciudadano vs. Información ciudadana. In: TURMO, F. S. y LASSA, J. J. V. (org.). El periodismo digital analizado desde la investigación procedente Del ámbito acadêmico (p.92-103). Asociación de Periodistas de Aragon: Zaragoza, p. 92-103. Disponível em: <www.congresoperiodismo.com>. Último acesso em: 2 out 2012.

CASTELLS, M. (2002). **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. Vol. I. São Paulo: Paz e Terra.

DURKHEIM, E. (2001). **As regras do método sociológico**. São Paulo: Editora Martin Claret.

ELIAS, N. (1994a). **Sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

_____. (1994b). **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

GIDDENS, A. (2005). **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed.

GOFFMAN, E. (1975). **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes.

HALL, S. (2003). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. SORVIK, L. (org.). Belo Horizonte: Ed. UFMG.

JUNQUEIRA, L. (2010). **Por uma sociologia da comunicação disposicionalista**. In: _____. (org.). Cultura e classes sociais na perspectiva disposicionalista. Recife: Ed. UFPE, p. 37-62.

LAHIRE, B. (1991). “Les pratiques langagières d’écriture contribution à l’analyse du lien entre le social et le langagier”. **Etnologie Française**, 3, p.262-273.

_____. (1993). “Lectures populaires: les modes populaires d’appropriation des textes”, **Revue Française des Affaires Sociales**, n.1, jan/mar, p. 19-40.

_____. (2002). **O homem plural**. Petrópolis, RJ: Vozes.

_____. (2004a). **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed.

_____. (2004b). Trajetória acadêmica e pensamento sociológico. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, maio/ago n. 2, p. 315-321.

_____. (2005). Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, problemas e práticas**, n° 49, p. 11-42.

_____. (2006a). **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed.

_____. (2006b). **La condition littéraire: la doublé vie des écrivains**. Paris: Éditions La Découverte.

_____. (2010a). **Por uma sociologia disposicionalista e contextualista da ação**. In: JUNQUEIRA, L.(org). *Cultura e classes sociais na perspectiva disposicionalista*. Recife: Editora Universitária da UFPE, p. 17-36.

_____. (2010b) **O campo, o mundo e o jogo: o universo literário em questão**. In: JUNQUEIRA, L. (org). *Cultura e classes sociais na perspectiva disposicionalista*. Recife: Editora Universitária da UFPE, p. 103-116.

MARTINI, S. (2000). **Periodismo, noticia y noticiabilidad**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma.

MELO, P. B. (2003). **Sujeito sem voz: agenda e discurso sobre o índio na mídia em Pernambuco**. UFPE, Recife: Mimeo.

_____. (2011). **Polêmicas no jornalismo do século XXI: discussões a partir da Revista Carta Capital**. Revista eletrônica Contemporânea, (Comunicação e Cultura). Disponível em: <www.contemporanea.poscom.ufba.br> Vol. 09, n° 2, agosto de 2011, p. 115-135. Acesso em: 15 out. 2012.

MIRANDA, J. M. G. de M. (2008). **El periodismo em el siglo XXI: uma profesión em crisis ante la digitalización**. Madrid: Editorial Dykinson, SL.

MORAIS, W. (1997). **El periodismo y el arte de contar historias: um estudio acerca de la construcción de la noticia científica**. Tesis Doctoral, UAB, Barcelona: Mimeo.

MORETZSOHN, S. (2007). **Pensando contra os fatos**. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan.

NAVILE, P. (1942). **La psychologie, science du comportement – Le behaviorisme de Watson**. Paris: Gallimard.

PONTES, T. P. (2009). **Esquemas disposicionais e reflexividade**: elementos para uma abordagem dialética. Dissertação – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PROUST, M. (1971). **Contre Saint-Beuve precede de pastiches et mélanges et suivi de Essais et articles**. Paris: Gallimard.

SBARAI, R. S. A. (2012). “Minha notícia, IReport e OhmyNews: modelos de cooperação ou colaboração no jornalismo digital?” In: LIMA JUNIOR, W. T. (org.). Comunicação, tecnologia e cultura de rede. São Paulo: Momento Editorial, 2011, p. 12-39. Disponível em: <<http://www.livroteccred.blogspot.com>> Último acesso em: 10 de outubro de 2012.

SCHUTZ, A. (1962). **El problema de la realidad social**. Buenos Aires: Amorrortu Editores.

_____. (1970). “Concept and theory formation in the social science”, In: EMMETT, D. & MACINTYRE, A. (org.). **Sociological theory and philosophical analysis**. Londres: MacMillan.

_____. (1979). **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

TURNER, J. (1999). **Sociologia**: conceitos e aplicações. São Paulo: Makron Books.

VIZEU, A. E. (2003). **Decidindo o que é notícia**: os bastidores do telejornalismo. Porto alegre: EDIPUCRS.

WEBER, M. (1999). **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo/Campinas: Cortez/Unicamp.

WEBER, M. (2005). **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret.